

---

**CATALOGANDO OS PRODUTOS DA TERRA: A  
COMISSÃO CIENTÍFICA DE 1859 E  
EXPOSIÇÃO DOS PRODUTOS CEARENSES NA  
CORTE (1861)**

**Paulo César dos Santos**

Doutorando em História Social – UFC, Bolsista Capes. Graduado em História e Mestre em História Social pela Universidade Federal do Ceará, onde também desenvolve sua pesquisa de doutorado sobre a participação do Ceará e do Brasil nas Exposições Universais na segunda metade do século XIX. [cesarufc@yahoo.com.br](mailto:cesarufc@yahoo.com.br)

**CATALOGANDO OS PRODUTOS DA TERRA: A COMISSÃO CIENTÍFICA DE 1859 E EXPOSIÇÃO DOS PRODUTOS CEARENSES NA CORTE (1861)****CATALOGAGE PRODUITS DE LA TERRE: LA COMMISSION DE LA SCIENCE ET EXPLICATIVES 1859 CEARENSE PRODUITS EN COUR (1861).**

Paulo César dos Santos

**RESUMO**

Esta pesquisa busca analisar as experiências e as representações vividas pelos cientistas da Comissão Científica de 1859 em suas investigações na província do Ceará. Criada em 1856 no seio do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), a Comissão Científica de Exploração começaria seus trabalhos em 1859, sendo o Ceará a primeira província a ser explorada. Os intentos de tal comissão se articulavam ao projeto de integração e centralização política que emergia no II Reinado brasileiro (1840-1889). Buscava-se o conhecimento das riquezas nacionais e a criação de uma imagem do país através do saber nacional, sendo a História do Brasil escrita por brasileiros e não mais por viajantes europeus. Saber e poder caminhavam juntos na consolidação política desenvolvida no Brasil imperial.

**PALAVRAS-CHAVE:**

Ciência, Ceará, II Reinado.

**RÉSUMÉ**

Ce travail analyse les expériences et les représentations vécues par les scientifiques de la Commission scientifique de 1859 pendant leurs enquêtes réalisées dans la province du Ceará. Créée en 1856, au sein d'Institut brésilien de géographie et d'histoire (IHGB), la Commission scientifique d'exploration devrait commencer ses travaux en 1859, étant la province du Ceará la première à être explorée. Le but de cette Commission s'articulait au projet d'intégration et centralisation politique qui émergeait au Brésil dans le période connu par Second règne (1840-1889). Ses objectives étaient la connaissance des richesses nationales et la création d'une image du pays a partir de la production scientifique nationale. L'histoire du Brésil devrait maintenant être écrite par des Brésiliens et non plus par les voyageurs européens. Savoir et pouvoir marchaient tout ensemble dans la consolidation politique développée au Brésil impérial.

**MOTS-CLÉS :**

Science, Ceará, Second Règne.

## A COMISSÃO CIENTÍFICA DE 1859

Em 4 de fevereiro de 1859 aportava em Fortaleza a Comissão Científica de Exploração. Designada pelo Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro para realizar um estudo da fauna e flora nacional, catalogar e registrar o que fosse possível sobre cada lugar da nação brasileira e criar uma ciência nacional. Buscava-se a natureza exuberante, os costumes do povo, a riqueza da nação. E tudo isso precisava ser inventariado. Afinal de contas, o II Reinado se caracteriza pela tentativa centralizadora do poder/saber e a criação da primeira comissão de cunho científico do país é sintoma deste momento.

O século XIX foi marcado pela “ciência” e o “progresso”, a formação dos Estados-Nação e das potências imperialistas. Foi também um século de ajuste no cenário internacional. A América Latina despontava em seus conjuntos de nações que queriam esquecer ou negar o seu passado de “colônia” e “atraso”. Era necessário construir um sentimento de pertença nacional, criar novas instituições e projeções históricas.

No Brasil, após a proclamação da sua independência, em 1822, aconteceu a ampliação das fronteiras geográficas demarcadas e o surgimento do Estado Brasileiro. Contudo, esse país de proporção continental continuava esfacelado em termos de autoconhecimento, precisando criar elos de ligação entre os seus membros a fim de fundar uma nação. Voltar-se para o passado e encontrar nele as razões dessa nação seria de grande importância para construir um país que almejava estar em consonância com o progresso. A definição e a delimitação do território apareciam como condições essenciais para tal projeto, pois assim como a tradição é a pátria no tempo, o território é a pátria no espaço (MAGNOLI, 1997, p.110).

Em meio a tal projeto político foi fundado, em 1838, como instituição de produção de conhecimento e lugar social de legitimidade de nossa intelectualidade, o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB). Em 1856, o IHGB criou a Comissão Científica de Exploração (1856-1867). Sua finalidade era organizar uma expedição pelo interior do império. A viagem objetivava conhecer o território nacional e suas riquezas, mapear a fauna e a flora brasileiras, coletar material para o Museu Nacional (Rio de Janeiro), promover a pesquisa científica no país e fomentar uma cultura científica nacional.

A Comissão Científica era composta de cinco seções de estudos, cada uma delas sob a direção de um respectivo sócio, com exceção de Raja Gabaglia, chefe das seções de

Astronomia e Geográfica. A seção de Botânica ficou sob o controle de Francisco Freire Alemão, também chefe da Comissão Científica de Exploração. Geologia e Mineralogia foram dirigidas por Guilherme Schüch de Capanema. A Zoológica foi liderada por Manoel Ferreira Lagos. Etnográfica e narrativa de viagem sob a responsabilidade de Gonçalves Dias.

A Comissão Científica permaneceu na província cearense entre os anos de 1859 e 1861 e de regresso a Corte realizaram uma exposição dos produtos da indústria cearense, a primeira do gênero no país e que serviu como preparação para a primeira Exposição da Indústria Nacional, realizada em dezembro do mesmo ano.

## EXPOSIÇÃO E CIÊNCIA

Em 27 de junho de 1851 o jornal *O Cearense* estampava a seguinte nota:

Todo mundo mandou objectos raros de sua industria para a exposição, só o misero Brasil nada pôde mandar, a menos que quisesse mandar um modelo de fazer eleições, isto é, um cacete, e baioneta – porque neste gênero de industria o nosso bom governo desafia ao mais propectos do mundo (*O CEARENSE*, 27, 06/1851).

O reclame acima incide sobre a ausência do Brasil na grande Exposição Universal de 1851, realizada em Londres. Essa exposição teve todos os seus faustos, com a rainha da Inglaterra abrindo o evento. O maior exemplo desse espetáculo se materializou no próprio Palácio de Cristal,

Mas de 1:200 contos custou o grande palácio de vidro. Que acaba de abrir-se no 1º de maio contendo os productos da industria de todo mundo. Este immenso edificio feito todo de vidro, e ferro, que é certamente a maior maravilha do nosso século foi construído dentro de um ano (*O CEARENSE*, 27/06/1851).

Estrutura e técnica materializavam-se no prédio-sede do evento. Seis milhões de pessoas de todo o mundo concorreram para ver o *espetáculo das vitrines* (TURAZZI, 1995, p. 231). O jornal *O Cearense* segue ainda mostrando a grandiosidade desta Exposição.

O edificio tem 1 848 pes de comprido, 408 de largo, e 66 de altura. A construcção central com abobada de vidraças enormes tem 108 pes de alto, e consiste inteiramente de vidros e de ferro, à excepção de chão de vários andares, o edificio tem 3 230 columnas, 2 244 amarras, 1 128 contrafortes, todos de ferro, 358 sustento de tecto, 900 0000 pes quadrados de vidro pollido. A galeria terá 29 pes de largo. A superfície que o cobre de 18 acres ingleses, o espaço necessário para deposição dos objectos exhibidos é de 21 acres, ficão talvez 6 acres para os passeios dos visitantes ao 1º e 2º andar e as galerias ou 250 mil pés quadrado (*O CEARENSE*, 27/06/1851).

As Exposições Universais eram grandes laboratórios exibicionistas. Buscava-se mostrar (e dar a ver) o que as nações haviam feito de progresso industrial e procurava-se

novos maquinários que pudessem servir de incentivo ao avanço tecnológico. As Exposições tinham um caráter pedagógico e imperialista. O caráter universal do evento se ajustava a um novo projeto político que se forjava no século XIX, aliando nacionalismo e burguesia. Esta, desejosa de implantar sua visão de mundo e orgulhosa de si mesma, congratula-se com o planeta em expansão comercial.

Festejava-se a conquista do mundo com o mundo. As exposições comemoravam o trabalho, a ciência e a técnica. O primeiro momento desta nova era que inaugura a época das exposições é emblemático, carrega em si, na data do evento e no nome que carrega, os próprios referenciais que buscava forjar. E as datas não são inocentes; estão ali para serem celebradas. Assim é que a pioneira “The Great Exhibition of the Works of Industry of all Nations”, realizada em Londres, inaugurou-se significativamente no 1º de Maio de 1851, data que, antes de ser apropriada pelo movimento operário internacional, fazia parte do antigo calendário festivo religioso, marcando o início do ano de trabalho (HARDMAN, 1991, p. 60).

O destaque deste evento é sua própria estrutura, sua materialidade: o Palácio de Cristal. Construído em ferro e vidro, o prédio ficou no imaginário dos contemporâneos pelo estilo alegórico (ou fantasmagórico) e pela vertigem que o mesmo causava. “Um recinto quase perturbador dos sentidos”, como definiu um observador brasileiro enviado pela Sociedade Auxiliadora da Indústria Nacional à Inglaterra para estudar a exposição. Um outro visitante exclamaria:

(...) que espetáculo aquele! Nenhum lápis ou pincel podem retrata-lo; a linguagem não pode descrevê-lo adequadamente. Um palácio de ferro e vidro, de magnetude estonteante, como o mundo ainda não havia testemunhado e que pode ser definido como uma das maravilhas da humanidade. Eu estava atônito do lado de fora do edifício, mas ao entrar pela porta do transepto sul deparei-me com uma visão que me deixou perplexo. As melhores criações da arte e da ciência de praticamente todos os povos do mundo civilizado colocavam-se diante de mim. Com a vista estonteada, não sabia que direção tomar (TURAZZI, 1995, p. 44).

Em 1855 acontecia em Paris a segunda Exposição Universal, Inaugurada em 30 de maio e encerrada em 30 de setembro, realizada nos Campos Elíseos. Percorreram a Exposição 5.160.000 visitantes, entre eles a rainha Vitória e o príncipe Albert, que viajaram para a França para a ocasião após quatro séculos sem que um monarca inglês pisasse em solo francês (TURAZZI, 2005, p. 232). Desta exposição o Brasil também não fez parte, mas enviou representantes: Raja Gabaglia, Guilherme Capanema e Gonçalves Dias. Capanema escreveria, a seu ver, sobre a péssima participação do Brasil na exposição. Segundo o cientista “velas de cera de carnaúba horríveis”, lenços e guardanapos “remendados”, um chapéu de palha “todo

amarrotado”, “uma celebre caixinha de costura intitulada ‘Império do Brasil’, contendo umas meadas de seda, o que no Rio causou tanto assombro e para o que aqui ninguém olha” (TURAZZI, 1995, p. 131). Para Capanema era melhor se apresentar pela ausência. Seria menos vergonhoso, pois o progresso passava pelo reconhecimento, pela imagem que um país criava para si e para o mundo e, segundo Capanema, o Brasil não estava preparado para ingressar nas festas industriais. Gonçalves Dias, tempos depois, em 1859, ainda reclamava da falta de eficiência do governo em se apresentar neste evento. Em carta a um amigo, desabafava que:

(...) a exposição já tinha começado há meses, o Brasil não tinha concorrido, - a nossa bandeira mesmo tinha sido arriada do palácio da exposição, e nós comissários brasileiros nos achávamos em uma posição singular. Assim mesmo a aceitamos e começamos com os nossos trabalhos, enquanto esperávamos as prometidas ordens do Govêrno para as despesas necessárias; essas ordens nunca chegaram, ou só quando já não eram precisas.<sup>1</sup>

A terceira Exposição Universal aconteceria em Londres em 1862. O Brasil buscava se representar desta vez. Se os países dependentes se viam em desvantagens em relação aos produtos industriais, eles se destacavam pelo que tinham de particular, de exótico. Como argumentou Nina Rodrigues: Se um país não é velho o suficiente para se venerar ou rico para se fazer representar, precisa ao menos se tornar interessante (SCHWARCZ, 1995, p. 239).

As exposições universais mobilizavam o mundo numa dinâmica interna e externa. Antes de cada país enviar seus produtos para as exposições, havia uma seleção e uma preparação localizada. Uma exposição regional, preparativa para a nacional, e esta, um ensaio para a Universal.

Nas *Instruções de Trabalho*, Gonçalves Dias escreve sobre a necessidade de se conhecer a nação e suas riquezas. Segundo o poeta “porque se é de boa filosofia que o homem se conheça a si próprio, é de melhor política que qualquer paiz trate de conhecer os seus recursos para saber o que possui, de os catalogar para saber onde existem, e de os aquilatar para saber quanto valem”.<sup>2</sup> Na realidade, um inventário da nação passava por sua quantificação. A ciência da estatística se formava e se reforçava junto ao desejo de quantificar, usar e mostrar a riqueza das nações. O primeiro Congresso Internacional de Estatística realizou-se em 1853 e o segundo durante a Exposição Universal de Paris em 1855.

<sup>1</sup> DIAS, Antônio Gonçalves. Correspondência ativa de Antônio Gonçalves Dias, In: Anais da Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro, v. 84, 1964, p. 250.

<sup>2</sup> Trabalhos da Comissão Científica de Exploração. Rio de Janeiro: Typographia Universal de Laemmert p. IX.

Discursos, números, imagens – e também as armas – eram instrumentos de comparação e de persuasão na montagem do espetáculo (TURAZZI, 1995, p. 63).

Ainda nas *Instruções* consta que “ajuntará finalmente, o conhecimento do commercio interno e externo da provincia, de todos os dados estatísticos que puder, da fundação, prosperidade ou decadencia das povoações, procurando avaliar a superfície dos terrenos cultivados e incultos, e o valor das áreas ocupadas ainda por florestas virgens, por capoeiras, pântanos, etc.; assim como chegar a uma probabilidade do numero de selvagens”<sup>3</sup>. A quantificação da natureza e a decodificação do espaço passa pelo crivo da ciência estatística, cuja finalidade é instruir e administrar através do uso da informação. Sobre a relação da ciência da estatística com a política, Oliver Martin infere que:

Ao lado de suas motivações ligadas às necessidades de administração e de controle dos súditos do reino..., os empreendimentos de contagem tiveram um outro objeto: a educação do príncipe. Tratava-se de instruir o príncipe do estado de seu território. O olhar era descritivo mas também apologético: o retrato do reino era também o retrato do soberano, de sua potencia, de sua grandeza. O monarca deveria possuir instrumentos práticos, uma ciência para a ação e o governo de seu reino. Nisto se reúnem os dois olhares das informações estatísticas, educação do príncipe e administração do reino (MARTIN, 2001, p. 18).

Baseado nos pressupostos científicos da estatística de “aquilatar e ver quanto vale” e para servir à educação do príncipe é que o Brasil ensaia seu ingresso nas festas de congratulação do mundo industrializado. Para Hardman as Exposições Mundiais significam o ordenamento pedagógico do mundo:

Um nome para cada coisa, um lugar para cada nome e para cada coisa, um tempo-espaco para exhibir os resultados. O Brasil, desde 1861, candidatou-se a tomar parte ativa nessa representação. Catalogou tudo que podia; decorou seus compartimentos; entrou na cena do desfile mundial as mercadorias; completava-se, assim, o ritual de passagem que o fazia atuar por inteiro no concerto das nações. A imagem do país moderno dessa forma se construía. Já era possível se mostrar in totum e nos detalhes. Até as fraturas estavam expostas (HARDMAN, 1991, p. 91).

O ano de 1861 é significativo na história da indústria nacional. Em um único ano foram realizadas duas exposições. Em 7 de setembro se inaugurou no Museu Nacional, no Rio de Janeiro, a “Exposição de produtos cearenses”, organizada por Ferreira Lagos e apresentada até o dia 15 do mesmo mês. Em 2 de dezembro do mesmo ano, abre-se, na Escola Central, capital do império brasileiro, a primeira “Exposição Nacional”. Novamente as datas são parte do próprio espetáculo. Esta última Exposição foi iniciada no dia do aniversário do Imperador D. Pedro II, contando na abertura do evento com as princesas Isabel e Leopoldina,

<sup>3</sup> Trabalhos da Comissão Scientifica de Exploração, 1862, p. XLV.



sendo a primeira aparição em cerimônia pública da filha do imperador. Encerrando-se em 16 de janeiro de 1862 (TURAZZI, 1995, p. 248).

As Exposições tinham um caráter exibicionista, onde as nações faziam-se representar. O progresso passava pela tecnologia que cada país tinha. Este caráter comparativo fazia parte da corrida imperialista entre as potências europeias em busca de novos mercados mundiais. As comparações ordenaram a história do mundo, que passava a fazer parte da experiência, interpretada como um progresso para objetivos cada vez mais avançados (KOSELLECK, 2006, p. 284). Expor para ver e se dar a ver é uma forma de se representar e se comparar. Os países mais avançados olhavam com ares imperialistas os menos industrializados, e assim as potências ocidentais legitimavam a si mesmas. A tecnologia servia, também, para se criar um imaginário de superioridade entre os membros expositores.

A Exposição dos produtos cearenses, organizada por Ferreira Lagos, foi pioneira no país e fazia parte dos resultados da expedição da qual ele fez parte, como também fazia parte da própria integração da nação. Após uma viagem a campo era preciso expor os resultados, não só da província cearense, mas da nação, uma vez que agora, o Ceará, domesticado pelo olhar científico, passaria a compor a riqueza do país. Ferreira Lagos, ao submeter a organização dos materiais a um princípio de conhecimento científico, objetivava também sua exposição para um público. Coleção e exposição são, portanto, faces complementares de um mesmo esforço em que ciência e política caminham juntas (GUIMARÃES, 2000, p. 7).

Mas tudo o que se expõe passa por uma seleção. O que se daria a ver era o que era interessante, naquele momento histórico, de ser visto. As duas exposições realizadas em 1861 buscavam criar uma imagem da nação e da província num mesmo processo de consolidação que passava também pela imaginação, pela construção simbólica de si mesma em relação aos outros. As exposições, embora de curta duração, simbolizavam um trabalho de construção dos possíveis, de tornar real o que se figurava como efêmero. Era uma forma não apenas de mostrar, mas de criar, materializar e canalizar esforços na criação efetiva do que se exibia.

O jornal *O Cearense*, em 26 de novembro de 1860, traça um breve roteiro da Comissão Científica, principalmente de Ferreira Lagos, que buscava uma avaliação das potencialidades econômicas da província cearense, e o resultado desta busca se efetivou com a realização da exposição dos produtos cearenses na Corte. Sobre as excursões e intenções do zoólogo, o jornal relata:



Amanhã parte para Sobral, e Serra da Ibiapaba, afim de continuar as suas explorações no arduo ramo da sciencia que lhe foi confiado. Todos sabem que este nosso distincto patricio, além de uma ampla colheita de objectos naturaes, teve a feliz lembrança de reunir na sua primeira digressão quanto poude achar de curioso e comprobativo do estado de civilisação, industria, usos e costumes dos habitantes desta provincia, para que na côrte se conheça que não somos tão barbaros como lá se acredita. Desejando-lhe a mais prospera viagem, estimaremos que obtenha os mesmos satisfactorios resultados na sua segunda peregrinação, e seja acolhido pelos nossos patricios com o bom agasalho que confessa haver sempre recebido, e de que na verdade elle se faz merecedor pelas suas maneiras affaveis e gênio caritativo (O CEARENSE, 26/11/1860).

Cada província buscava sua própria história e sua participação dentro da nação. Neste intento, envolveram-se políticos e intelectuais. História, literatura, geografia e estatística aperfeiçoaram seus métodos e suas práticas nesta empreitada. José de Alencar, antes de publicar *Iracema*, em 1865, e o Senador Pompeu, antes de publicar seu *Ensaio estatístico da Província do Ceará*, em 1863, já mobilizavam suas penas na busca de uma construção simbólica para o Ceará dentro do II Império. Em seus estudos, Ítala Byanca Morais da Silva traça um pouco das relações que envolviam os intelectuais cearenses na busca de uma especificidade para a província dentro da pátria. Através das cartas de José de Alencar ao Senador Pompeu se percebe as tramas de uma escrita:

Escrevo-lhe esta às pressas. Nada de novo tenho a dizer-lhe. Pelo Diário verá o que fiz; tudo que pude. O Nabuco fez-me promessas, que creio sinceras. Em todo o caso não desanime; e comunique-me todos os fatos, porque estou resolvido a fazer o que nunca se fez até agora; isto é, a de provocar uma questão e defender a nossa província na alta imprensa da côrte, de modo que o governo se veja obrigado a dar-lhe atenção.<sup>4</sup>

Peço-lhe, pois, que me faça o obséquio de enviar-me uma correspondência da nossa província, escrita pela hábil pena que redige o Cearense e que tão conhecida é nesta côrte pelos artigos que outrora enviava para o Mercantil. Se me quiser fazer este favor, peço-lhe que na primeira correspondência se ocupe principalmente dos melhoramentos da Província, do seu desenvolvimento da sua industria, do comércio, da agricultura, importação e exportação.<sup>5</sup>

A Exposição seria mais um dos meios de se divulgar a província cearense na Corte e ao mesmo tempo divulgar a própria capital do Império brasileiro, uma vez que a Comissão Científica estava atrelada aos interesses do monarca. O evento simbolizaria o poder do rei sobre seu território, numa tentativa de totalização do poder. Mas o evento trazia em si mesmo a divergência. Havia fortes desavenças entre os cientistas da Comissão. Capanema sempre junto a Gonçalves Dias, Lagos contra todos e Gabaglia e Freire Alemão tentando manter a

<sup>4</sup> Carta de José de Alencar a Thomas Pompeu datada do Rio de Janeiro em 26 de outubro de 1856 (In: SILVA, 2005, p. 62).

<sup>5</sup> Carta de José de Alencar a Thomas Pompeu datada do Rio de Janeiro em 1855. (In: SILVA, 2005, p. 67).

neutralidade. Era esta a mistura de afetividade que marcava a união dos cientistas. Capanema em carta a Gonçalves Dias relata sobre a exposição cearense: “o Lagos vai fazer uma exposição de todas as cousas curiosas que trouxe e que comprovam o estado florescente da industria cearense, ele talvez leve algumas observações pelas ventas porque eu dei para escrever e continuarei”.<sup>6</sup> Capanema se mostra mais pensativo e decide tirar proveito do momento. Novamente, em carta para Gonçalves Dias, escreve que:

Mestre Lagos sôfrego de se tornar benemérito da pátria arranjou uma exposição de todas as suas rendas redes e bicos que trouxera do Ceará; pediu-me que dissesse alguma cousa fi-lo nos diários de 7 e 9 de setembro por meia dúzia de motivos: 1º algumas pessoas apreciarão aquilo como o mais relevante serviço (como aconteceu) era preciso chamar a atenção; 2º porque era preciso falar da Comissão, porque hoje conheço que a guerra que nos se nos tem feito não nos deve ofender. Não acharás neste Rio Janeiro 20 pessoas que compreendam o que é a exploração científica; 3º precisei de um ocasião de chegar aos canhões as pontinholas para lhes conhecerem o calibre, e içar o pavilhão para saberem com que metralha se romperia combate quando fosse preciso responder a agressões, obtive maravilhoso efeito... O Jornal do Comercio entornou elogios ao Lagos a valer porém não entrou no assumpto, e para não ficar atrás do Diário tão bem bem escreveu uma serie de artigos sobre a exposição sabes quem o fez? Um veterinário francês do 1º regimento de cavalaria! Que vergonha.<sup>7</sup>

Entre intrigas privadas e anúncios públicos se constituiu a Exposição de produtos cearenses na Corte. Esta experiência foi à primeira do gênero no Brasil, uma vez que serviu como preparação à primeira Exposição Nacional, que seria realizada em dezembro do mesmo ano. A exposição foi aberta ao público em 7 de setembro, dia da independência do Brasil, e encerrou-se no 15 do mesmo mês. Durante este período, o Ceará foi visto por muitos, e por muitos admirado. Uma imaginação do que seria a distante província do Ceará passa pela exibição de suas riquezas e potencialidades. Sua imagem se materializava em seus próprios produtos. O evento divulgava o Ceará na Corte e tentava melhorar a imagem da Comissão Científica, que sofria duras críticas por não obter os resultados esperados. Estava em pauta a imagem do Ceará, a imagem da Comissão Científica, a imagem da Corte. A materialidade expressa na exposição dos produtos tinha também uma ressonância subjetiva, para além do exposto.

As primeiras notícias sobre o evento chegam à imprensa cearense em outubro. O jornal *O Cearense* traz várias notas e muitas transcrições dos jornais da corte retratando a Exposição. Letras garrafais e matérias extensas com o título “EXPOSIÇÃO DE

<sup>6</sup> Carta de Capanema a Gonçalves Dias, datada de 06 e agosto de 1861 (In: Correspondência passiva de Antonio Gonçalves Dias. Anais da Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro, v. 84, 1971, p.244).

<sup>7</sup> Carta de Capanema a Dias, datada de 11 de setembro. (In: DIAS, Gonçalves. 1971, p. 248-249).

PRODUCTOS NATURAIS E INDUSTRIAIS” chamam os cearenses a lerem sobre a exposição e sobre a recepção dos produtos de sua província na capital do império. Os artigos aproveitam o momento para reclamarem pelo incremento e apoio do governo à indústria. Os artigos versam desde produtos industriais, artesanatos e curiosidades. Isto se devia ao fato de que o conceito de indústria ainda era pouco definido e envolvia muitas artes, e se buscava criar mercados para muitos produtos, industrializados ou não. Caberia ao governo patrocinar as exposições e delas tirar o proveito maior em prol da nação, como relata *O Cearense*:

Qual quer que seja a fisionomia politica do actual ministerio, e de outro qual quer, apesar de órgão do partido liberal da provincia, desse partido proscripto há 13 annos, não deixaremos jamais de applaudir as medidas que tiverem por fim promover os recursos de nosso paiz, desenvolver a sua prosperidade de qualquer maneira que seja, com tanto, que dahi resulte o engrandecimento de nossa terra, e o bem estar de nossos patricios; porque, brasileiro, o que podemos mais desejar, do que a felicidade, e prosperidade de nosso patria? Os paizes cultos da Europa não tem chegado ao grão de desenvolvimento e de aperfeiçoamento de sua industria, em todos os seus ramos, sinão por meio de uma exposição de seus productos, onde se nota o que merece correção, e aprecia-se o que é bem acabado, recebendo os productores louvores, premios, e animações do publico, e do governo (O CEARENSE, 01/10/1861).

Caberia ao governo, suas instituições e associações, fomentar o mercado interno e seu crescimento industrial. O evento em si já significava que se tinha algo a se mostrar e o caráter exibicionista não esconde as intenções nacionalistas do evento.

As exposições realizavam o sonho enciclopédico dos iluministas, já que eram a concretização de um imenso inventário, onde catálogos, quantidade e usos eram sistematizados e quantificados:

Ainda mais convêm que os nossos patricios saibão, que não se trata só de objectos de industria humana, como tambem de todo, e qualquer de producção espontanea da natureza, porque trata-se de por em relevo o inventario de nossa riqueza, ou dos nossos recursos naturaes. É por isso que no cathalogo dos objectos, que se pedem, figurão diversas terras, pedras, mineraes, metaes, madeiras, resinas, fructos, cortiças, batatas (tuberculos de todas as qualidades), diversas plantas medicinaes, legumes, animaes, empalhados, pelles, penna &. Tudo isso importa conhecer-se, e expor-se; porque tudo isso tem um valor no mundo industrial, que pode ser vantajosamente explorado para a riqueza da terra, e dos proprietarios, que possuem taes objectos (O CEARENSE, 01/10/1861).

O argumento “Tudo isso importa conhecer-se” fazia parte do projeto de emancipação econômica do país. Buscava-se entrar no rol dos países civilizados, mas não na condição de simples fornecedor de matérias-primas, e sim como país industrializado. Para isso, era preciso fomentar a indústria nacional, inventariar e catalogar seus bens e vendê-los no mercado externo. Muito do que se comprava dos países ricos poderia ser feito ou substituído no país se

a indústria, sob a égide do governo, soubesse o que a nação possuía e desse bom uso a essas riquezas. Sobre a exposição e o comércio local, *O Cearense* ironiza:

Mencionaremos igualmente a variada collecção de madeiras, apresentando bonitas côres o que as torna apropriadas a diversissimos usos. Vemos, como exemplo, algumas bengalas de violete e duas do tronco da carnaubeira, que são muito mais bonitas do que as do ayri tão usado para este fim na Europa, e muito mais sólidas do que as de outras palmeiras, que têm muita sahida, sobretudo para cabos de chapêu de sol. Vemos o berabú (guarabú) torneado, e o angico, que produzem lindissimo effeito. O primeiro seria muito apropriado para embutir, e o segundo para marcenaria. No norte dão-lhe bastante emprego, mas apesar disso usam mobílias vindas da Europa. Não se supponha que são de madeiras exquisitas, trazidas de terras longiquas; não senhor! São de mogno que è madeira que foi das Antilhas e das Guyanas e volta para o Brazil. A differença está em que pagamos dous fretes e pelo menos quatro direitos de entrada e sahida (O CEARENSE, 01/10/1861).

O jornal continua a transcrição e sua reclamação sobre o papel que o governo deveria ter nos investimentos na indústria nacional e na sua importância para tirar o Brasil da dependência externa. Caberia ao governo central o incentivo e proteção à indústria nacional. Segundo *O Cearense*:

Quando ha necessidade de carvão vai o proprio consumidor queima-lo, porque manda-lo fazer por outros sahe muito caro, e os cobres que elle ganha devem sustenta-lo e servir para comprar o ferro que è fornecido até ao interior do Piauhy pelas fabricas inglezas! (...). A commissão scientifica propoz ao governo que se ensinasse ao povo o meio de tirar proveito dessas minas, produzindo com seus diminutos recursos e como o seu trabalho o ferro de que carecesse para o seu consumo. Parece porem que a proposta não chegou ao Rio de Janeiro! (O CEARENSE, 01/10/1861) (Grifos no original).

Um inventário das riquezas deveria analisar e expor os estudos realizados sobre o reino mineral e animal, o orgânico e o inorgânico. Produtos de origem animal foram expostos no intuito de chamar a atenção do governo para a necessidade que a nação tinha de incentivar a indústria e assim produzir excedentes, trazendo riquezas para o país e deixando de importar esses produtos que poderiam ser feitos no Brasil. Sobre as abelhas noticiou-se:

Examine-se por exemplo a collecção de abelhas que o Sr. Dr. Lagos reunio só no Ceará. Cada uma dellas dá uma qualidade de mel differente, e até com propriedades medicinaes; destas acham-se expostas dezoito qualidades com o seu mel e a sua cera. No norte dá-se tambem o nome de abelha a certas vespas que produzem mel excellente, muito denso, e que ás vezes crystalisam; destas vemos expostas sete espécies (O CEARENSE, 01/10/1861).

A apicultura parece ter chamado a atenção de Ferreira Lagos por sua fonte de renda, pelo potencial que o Ceará possuía em sua produção e pela pouca exploração deste potencial. Em seu regresso à corte, Lagos leu no IHGB o relatório sobre os trabalhos realizados pela seção de zoologia. Nele dizia que:

A apicultura que tanto podia florescer naquela Província e produzir um bom lucro, não é ali explorada convenientemente, e apenas alguns indivíduos conservam cortiços por curiosidades para o uso domestico (...). Uma monografia das abelhas do Brasil será trabalho curioso e de importância, não só para a ciência, mas igualmente para o comercio, pois a bela cera de muitas além de satisfazer o consumo do País, libertando-nos do imposto que anualmente pagamos ao estrangeiro, poder-se-ia tornar ao mesmo tempo um gênero de subida exportação.<sup>8</sup>

Na Corte chamava-se a atenção para o mau uso das riquezas minerais e animais do país, denunciava-se o fraco caráter científico de seus estudos e as vantagens e utilidades destes estudos para o progresso científico e emancipacionista do comércio nacional. Visava-se a maturação do comércio interno através de seu uso racional, o que equivalia a produzir em excedente para a exportação. Em 1862, quando da organização para a primeira exposição provincial do Ceará, o jornal *O Araripe* endossava a relação entre exposição e comércio:

Uma exposição não é somente uma ostentação, uma prova de adiantamento e progresso industrial; mas é também um princípio de commercio, e permuta. Allí se vai procurar comprador a muitos artigos, que são desconhecidos, se vai travar conhecimentos, que para logo servem grandemente. Assim, o que hoje se acha desaproveitado entre nós pode ir achar longe o seu emprego, amanhã será procurado com o maior empenho, constituindo-se o objecto de um trafico muito productivo (O ARARIPE,30/08/1862).

Na corte, em 1861, a exposição de produtos cearenses servia justamente para se aprimorar o comércio e se criar mercados consumidores:

Repetiremos ainda uma vez que a maior parte dos productos da exposição não representam industria, porque ainda não crearam mercado. Muitos só se fazem para uso particular; tem elles porem um grande merecimento que è provar a existencia dos principaes elementos para a criação de industrias. E è isso um dos pequenos serviços prestados ao paiz e principalmente à provincia do Ceará, que se deve felicitar pela perseverança e patriotismo do Sr. Dr. Lagos, a cuja incansável pesquisa se deve a preciosa collecção que está exposta (O CEARENSE, 01/10/1861).

Buscava-se uma racionalização, uma visão científica e ordenadora para o que se expunha. Os arranjos dos objetos nas exposições, assim como os próprios prédios faziam parte do espetáculo, onde a mercadoria passaria a ser o centro das atenções. Mas na ânsia incansável de se expor do industrial ao exótico, caia-se numa estranha arrumação, numa vertigem causada pelos objetos arrumados e ao mesmo tempo amontoados. O engenheiro André Rebouças, enviado pelo governo à Exposição de Viena em 1873, reclamava que a “exposição de Viena não tinha caráter algum civilizador; era simplesmente um imenso bazar de todos os povos do mundo” (HARDMAN, 1991, p. 82). Os produtos cearenses expostos na

<sup>8</sup> Relatório da Seção de Zoologia, lido no IHGB em 6 de dezembro de 1861. In: BRAGA, 1962, p. 338.

Corte não fugiram a essa estranha contradição. Buscava-se uma ordenação racional dos objetos, mas os mesmos acabavam compondo-se de forma desordenada, ocupando num mesmo lugar os mais dispares objetos. Poderia pecar pelo excesso e não pela falta. Noticiava *O Cearense* que “Na exposição é digno de nota: o arranjo e disposição artística o conveniente de todos os objectos que podem ser vistos e examinados com a maior facilidade”.<sup>9</sup> Existia nas exposições um fetichismo pela mercadoria, uma vertigem dos objetos.<sup>10</sup> A Exposição realizada na Corte em 1861 parecia um antiquário na arrumação e uma feira na intenção, pois se buscava criar um comércio nacional através do ato de expor, amontoar os produtos, tornando-os visíveis.

Embora o jornal chame a atenção para o arranjo “digno de nota”, mostrando a racionalidade e ordenação na exposição dos objetos, o *Diário do Rio* nos fornece uma outra visão, que parece mais com um imenso “bazar”, do qual reclamava o engenheiro Rebouças.

O que tem causado mais furor e admiração na corte estes dias é a exposição que faz o Dr. Lagos dos objectos que trouxe do Ceará relativas a artes, costumes, curiosidades & &. na realidade tem cousas que admira, sendo classificado em primeiro lugar um aparelho de chá de louça preta feita no Icó por uma moça surda, o algodão tecido no Crato e Baturité, 3 enormes queijos de manteiga muitas redes de diversas partes superabundando as de sobral, todas as especies de abelhas com a mostra do mel e cera de cada uma dellas, um pão de sebo e fructo da arvore que o produz, bengalla, chicote (entre estes um d’aquelles feitos no Crato com estoque e pistola) cabeçadas, todas as qualidades de cobras em vidro e em pelles, pelles das diversas especies de onças, camurça feita em Sobral, flores de palha de panno e de pulvilho (gomma) e uma cesta de flores de escama, todos os trabalhos feitos de carnauba, um tronco desta arvore, folhas, cera, goma, &. um homem vestido de vaqueiro com sua competente vara, cachimbo do Inhamuns &. uma figura de uma mulher de lenço ! & & &. será difficil querer aqui innumerar tudo, lavarintos de todas as qualidades, porém o que causou horror foram as disciplinas dos penitentes, entre as que vierão, veio uma ensanguentada. Vê-se também na exposição 38 qualidades de madeira de lei, 23 qualidades de feijão, farinhas, mandiocas, sal de cosinha, vinhos de caju, sapatos, manteiga de piqui, diversas qualidades de arros, de café, uma jangada competentemente aparelhada.<sup>11</sup>

Há uma aparente desordem na arrumação dos objetos, mas ao que parece, esta era a forma de se dispor os objetos, pois Capanema e Gabaglia haviam viajado pelo velho mundo durante a Exposição de 1855 em Paris, olhando as formas de se expor. Talvez o amontoado de produtos fosse regra também no velho mundo e os cientistas da Corte apenas repetiram a

<sup>9</sup> *O Cearense*, 01/10/1861.

<sup>10</sup> Sobre a relação entre exposições e formas de perceber as coisas, ou uma sensibilidade das coisas, Francisco Régis Lopes Ramos reflete que: “E as exposições universais, nas quais as nações exibiam seus produtos, suas peculiaridades econômicas, não eram somente uma maneira de alimentar a máquina do capitalismo. Além disso, ou subjacente a isso, estavam sendo tomadas novas configurações na própria maneira de enxergar as coisas. Na descoberta do poder da sedução da vitrines, punha-se em jogo o desenvolvimento da pedagogia do olhar” (RAMOS, 2004, p. 142).

<sup>11</sup> Nota do *Diário do Rio* transcrita em *O Cearense*, 01/10/1861.



tendência. Alguns dos objetos expostos parecem ter despertado o interesse dos cientistas mais por seu caráter exótico. Muito se catalogou e muito se expôs. Isso foi resultado dos mais variados lugares por onde os membros da Comissão Científica passaram. Expôs-se desde louças feitas por moça surda até bacamartes. O aparelho de chá feito por uma surda tem uma trajetória longa, antes de ser exposto. Freire Alemão relata em seu diário as primeiras notícias que ele e Lagos tiveram sobre a moça surda e sua arte:

De noite fui eu e Manoel visitar o juiz municipal, cuja senhora é filha do Icó (...). Soubemos aí que, antes de chegar-se ao Icó, há uma mulher muda que trabalha em louça admiravelmente, fazendo tudo o que se lhe encomenda e segundo o modelo que se dá, que a louça é mui preta e lustrosa.<sup>12</sup>

Quando Lagos chega em Icó, vai ao encontro de tal moça. Em regresso à casa onde estavam hospedados, já no Icó, Freire Alemão registra o interesse de Lagos pela “louça preta”:

Depois chegou o Lagos que havia ido de manhã à casa da muda (daqui a quase quatro léguas) para a ver trabalhar uma louça preta de grande perfeição. Diz ela que um acaso a fez descobrir o modo de empretecer a louça, cozinhando-a uma vez com bosta de cavalo (o que não me parece acreditável). Seus pais trabalhavam com em louças (potes, panelas etc, etc.) os instrumentos de que se serve são os mais simples e toscos (e o Lagos trouxe-os para amostra) e com eles ela faz tudo (...). O segredo, ao que parece, consiste nisso simplesmente e ela não faz mistério: queimava umas xícaras na frente do Lagos, deste modo fez uma pequena fogueira de banha e à roda do fogo ia queimando a louça. Fez-me um presente de uma jarrinha fazendo-a girar continuamente, até que se achou corada e vermelha, tirou as brasas e tições, assentou as xícaras sobre o lugar da fogueira que estava quente, e depois foi lançada bostas de cavalo até cobri-las, a bosta entrou a arder e continuou até consumir-se, deixando as xícaras empretecidas. Depois passou-lhes pó cima cera de carnaúba (a de abelha faz o mesmo efeito), esfregando-os, e deu o negocio por concluído. A explicação que me ocorre é que bosta queimando-se dá um fumo muito carregado de partículas de carbono que se insinua da louça, um pouco aberto em razão do calor; a cera as firma e dá lustre. O Lagos me deu uma jarrinha.<sup>13</sup>

Assim, antes de ir para suas posições nas exposições, os objetos passavam por um olhar que os diferenciava dos demais e os classificava como dignos de figurar ou não entre os produtos a serem expostos. A louça feita pela “surda de Icó” chama a atenção não apenas por suas peças úteis e bonitas, mas por sua técnica. Registrava-se saberes dispersos pela nação com o intuito de testá-los, aprimorá-los. A “técnica popular” passaria a integrar um saber nacional, cujo caráter utilitário era sua referência. Vista e registrada a técnica da muda que fabricava louças, seria digna de ser exposta com refinadas descrições:

<sup>12</sup> ALEMÃO, Francisco Freire. ALEMÃO, Francisco Freire. **Diário de viagem de Francisco Freire Alemão: Fortaleza-Crato 1859**. Fortaleza: Museu do Ceará/Secretaria da Cultura do Ceará, 2006., p. 81.

<sup>13</sup> ALEMÃO, Francisco Freire. **Diário de viagem de Francisco Freire Alemão**, 2006, p. 164-165.



Desamos das cavallarias para o solo e apanhemos um torrão de barro. É um serviço de chá, todo negro, com fórmas originaes, ás vezes ornatos excavados; è trabalho de uma mulher surda, muda, e de pouca vista; os aparelhos de que ella se serve para produzir são variados fetios, são os dedos e os instrumentos que estão junto: Duas favas de mucana espetadas em um páozinho são os burnidores, e alguns seixos rio, com que ella grava os enfeites! O forno em que se cozinha essa louça è, ou um buraco no chão, ou um pequeno aparelho de barro simulando parte de uma casa de cupim. E digam ainda que esse bom povo não tem jeito nem recursos!<sup>14</sup>

A “Exposição de produtos cearenses” apresentava-se de forma inusitada. O que se buscava mesmo era uma apresentação da província cearense na Corte, dando a ver à nação as particularidades de uma de suas províncias menos conhecidas. Mostrava-se sua natureza e suas potencialidades. Desejava-se chamar a atenção para uma nova percepção do Ceará e sua inserção à nação. E a exposição se figurava como momento singular. Expunha-se racionalidade econômica, verdade científica e eficiência técnica (LATOURE, 1994, p. 129). Entre natureza e técnica figuravam lendas e anedotários:

Outros objectos da exposição são dignos do Instituto Historico, como o monstruoso bacamarte boca de noute com que o coronel Filgueiras chamava o povo ás armas dando o tiro convencionado de alarma; as disciplinas com que populações inteiras se mutilavam guiadas por um sacerdote louco e ignorante; o freio e estribos desenterrados nas fronteiras do Piauhy e pertencentes aos primeiros povoadores; as machadinhas e varios utensilios de pedras dos antigos indigenas do Ceará, raça anterior á que foi encontradas pelos portugueses.<sup>15</sup>

O bacamarte exposto de Filgueiras figura como secundário, pois o que despertou a atenção de Freire Alemão e Lagos foram as histórias sobre o próprio Filgueiras. Aqui o objeto passa a ter valor não por ele mesmo, mas pelo seu dono. Histórias fantásticas sobre este sujeito foram ouvidas pelos cientistas em suas andanças pela região do Crato. Um dos primeiros contatos com as lendas de Filgueiras já se atrelavam a seus bacamartes e a sua violência. No Crato, região marcada por conflitos, violência e insurgências (revolta de 1817 e o movimento separatista de 1824), Freire Alemão descreve sua impressões:

Jantou conosco um moço da Barbalha, tio do João Brígido, e contou-nos muitos casos de morticínio. Disse-nos que agente dos Inhamuns foi sempre levantada, matadora (...), hoje estão muito quietos e amedrontados. Pajeú foi também lugar mal afamado pelos muitos facínoras que gerou ou acoitou. Hoje está também muito mudada, em outro tempo se poderia chamar Pajeú das Balas, como hoje Pajeú das flores. Piancó é ainda atual covil de desabonados. “Estive, disse ele, em casa do major ou tenente-coronel Constantino, homem muito conhecido, muito tratável e de palavras macias; mas a sua mesa se acharam na minha presença 20 assassinos!”. Prometeu ao Lagos fazer diligência por lhe obter os célebres bacamartes do

<sup>14</sup> Nota do Diário do Rio transcrita em *O Cearense*, 01/10/1861.

<sup>15</sup> Nota do Diário do Rio transcrita em *O Cearense*, 01/10/1861 (Grifo no original).

Filgueiras, os quais denominados Boca da Noite, Meia-noite e Estrela-d'alva. É com eles que Filgueiras dava rebate em seu sítio na Barbalha.<sup>16</sup>

E o cano do afamado bacamarte boca da noite foi entregue a Lagos e segundo Freire Alemão pesava seguramente meia arroba.<sup>17</sup> Filgueiras tinha três bacamartes afamados: o Boca da Noite, o Meia-Noite e o Estrela-d'alva. Suas armas eram tão grandes que se metia um braço pela abertura do cano e só o Filgueiras era capaz de atirar com estas armas. Um sujeito, que era também homem de força, entendeu que podia atirar com um desses bacamartes, disparou-os e caiu ele para um lado e a arma para outro.<sup>18</sup> Freire Alemão registra: “contou-nos muitas coisas sobre o Filgueiras, histórias já contadas por muitos com variedades de pequenas circunstâncias”.<sup>19</sup> Em uma de suas proezas, contava-se:

Existe ainda na vizinhança da sua casa um grande visgueiro à beira do caminho; muitas vezes passando ele por baixo, agarrava-se a um galho desses assim e suspendia o cavalo entre as pernas. Um dia estando aqui na cidade do deitado numa rede, a senhora da casa falando nos casos de força que se contavam dele, parecia duvidosa. Filgueiras levanta-se da rede, pela nela pelos punhos e arrebeta todos os cordões e diz para a Sra: “Comadre, que rede tão podre?”<sup>20</sup>

Outro objeto que despertou a atenção dos cientistas durante sua permanência no Ceará (1859-1861) foram as disciplinas, que alguns penitentes usavam para autoflagelar-se. Em visita ao Crato, em 1860, Freire Alemão, Lagos e Reis Carvalho ficaram espantados e impressionados com os aspectos da religião do Cariri, onde a gente “comum” usa das lâminas, penitências, para se auto-punir: “Dizem-nos que são de ordinário gente dos matos, homens e mulheres, mulatos, cabras, pretos e não sei se brancos também; vão com o corpo nu para a igreja. Os homens com um capote e as mulheres de lençol, todos com a cara coberta”<sup>21</sup>. Contaram a Freire Alemão quem eram os penitentes. Mas os cientistas desejavam ver a prática religiosa:

Começou a novena e nos dirigimos para lá eu, o Lagos e o Reis e nos pusemos por fora de uma porta lateral. Eles me conduziam ao coro, por uma escada assaz trabalhosa, para ver o sangue dos penitentes. Com efeito as paredes do coro estão salpicadas, e muito, de sangue, até a altura superior à do homem; o pavimento tem também mancha de sangue em poça. Os penitentes se apresentam nus das pernas e do ventre para cima, levam sempre as cabeças cobertas. E as disciplinas são formadas de lâminas de ferro, três a quatro cortantes e afiadas pela margem.<sup>22</sup>

<sup>16</sup> ALEMÃO, Francisco Freire. **Diário de viagem de Francisco Freire Alemão**: Crato –Rio de Janeiro 1859-1860. Fortaleza: Museu do Ceará/Secretaria da Cultura do Ceará, 2007, p. 21.

<sup>17</sup> ALEMÃO, Francisco Freire. **Diário de viagem de Francisco Freire Alemão**, 2007. p. 64

<sup>18</sup> ALEMÃO, Francisco Freire. **Diário de viagem de Francisco Freire Alemão**, 2007. p. 42.

<sup>19</sup> ALEMÃO, Francisco Freire. **Diário de viagem de Francisco Freire Alemão**, 2007. p. 84

<sup>20</sup> ALEMÃO, Francisco Freire. **Diário de viagem de Francisco Freire Alemão**, 2007. p. 42

<sup>21</sup> ALEMÃO, Francisco Freire. **Diário de viagem de Francisco Freire Alemão**, 2006. p. 200.

<sup>22</sup> ALEMÃO, Francisco Freire. *Diário de viagem de Francisco Freire Alemão*, 2006. p. 214-219.

As disciplinas foram vistas, escritas e desenhadas por Freire Alemão em seu diário, e expostas na Corte. Sobre as disciplinas na Exposição escreveu-se que,

(...) porém o que causou horror foram as disciplinas dos penitentes, entre as que vierão, veio uma ensangüentada; Enfim não escapou nada ao Dr. Lagos, foi um grande serviço que prestou a nossa provincia que na realidade não era conhecida e hoje é admirada e tida em muita boa conta, estive com estrangeiros mui instruidos que fizerão mil elogios, e a concorrência de povo é immensa : Só as taes disciplinas é que todos olham com horror (O CEARENSE, 01/10/1861).

Muito do que foi parar na Exposição cearense não representa propriamente a racionalização do comércio nem a verdade científica. Muito do que se expôs passou pelo crivo dos cientistas, tanto em sua coleta como em sua arrumação para ser exposta. No caso da louça da moça surda, sua arte exótica chamou a atenção dos cientistas. Já Filgueiras e suas lendas faziam parte da oralidade cearense. Nada de científico nem econômico havia nisso. Buscava-se a diferença, o peculiar da província cearense: suas técnicas e suas lendas. A Exposição dava a conhecer o Ceará em seus mais variados aspectos.

A maior contribuição dada por Ferreira Lagos na realidade viria logo após a Exposição dos produtos cearenses, quando da realização da I Exposição Nacional. Nela, o Ceará foi uma das províncias que mais participaram, perdendo apenas para o Rio de Janeiro em número de produtos expostos:

Províncias	1861	1866	1873	1875	1881	1889	Total
Amazonas	-	7	-	7	1	-	15
Pará	1	10	2	17	-	8	38
Maranhão	-	10	3	7	3	2	25
Piauí	-	1	-	-	-	-	1
<b>Ceará</b>	<b>34</b>	<b>16</b>	<b>2</b>	<b>39</b>	-	<b>14</b>	<b>105</b>
Rio G. do Norte	-	4	-	8	-	-	12
Paraíba	-	-	4	-	-	-	4
Pernambuco	3	14	9	40	27	79	175
Alagoas	-	-	-	21	16	-	37
Sergipe	-	2	-	2	4	2	10
Bahia	7	12	6	40	6	15	86
Espírito Santo	2	1	-	-	4	7	14
Rio de Janeiro (Província)	19	16	12	46	41	14	148
Rio de Janeiro (Município Neutro)	63	73	53	67	178	51	485
São Paulo	7	8	8	60	18	9	110
Paraná	2	9	4	94	11	6	126
Santa Catarina	4	11	1	28	2	13	59
Rio Grande do Sul	6	34	14	80	97	19	250
Minas Gerais	13	9	10	28	41	35	136
Goiás	-	-	2	17	-	-	19

Mato Grosso	2	-	-	4	-	-	6
Total	163	240	130	605	449	274	1 861

Fonte: Prefeitura do Distrito Federal, Exposição Nacional de 1908 (HARDMAN, 1988, p. 86)

Como já foi mencionado, a Exposição foi aberta em 2 de dezembro, aniversário do imperador e aconteceu no prédio da Escola Central, Rio de Janeiro, futura politécnica. Em seus 25 dias de duração ela foi visitada por 50.739 pessoas, uma média de 1.127 por dia. A receita com ingressos gerou 15:000\$000 (HARDMAN, 1991, p.68). Ensaiaava-se aqui não apenas uma forma de fomentar a indústria nacional, desejava-se uma participação na Exposição Universal de Londres de 1862, a primeira que o Brasil participaria de forma efetiva. Esta seria vista por mais de seis milhões de pessoas e contava com 28.653 expositores. E nela figuravam o Brasil e o Ceará. Lagos em carta ao senador Pompeu, publicada no jornal *O Cearense*, informa que: “Creio que enviarei para a exposição de Londres grande parte dos objectos que d’ahi trouxe, os quaes tem sido muito apreciados, mormente dos estrangeiros” (O CEARENSE, 01/10/1861).

Na exposição de produtos cearenses bradavam os mesmos desabafos daqueles de 1851, reclamando a participação do Brasil nas Exposições Universais. Sobre a pouca atuação que o país teve, por acanhamento ou despreparo, argumentava-se que:

Este sentimento actuou no Brasil, quando se tratou da primeira exposição universal de Londres em 1851, e mesmo na segunda em Paris; mas hoje todos sabem, que mal se comprehendeo o espirito daquella grande funcção, e objectos, que nos parecem menos dignos, terião lá subido acolhimento (...). Muitos destes objectos tem de ir para a exposição de Londres (O CEARENSE, 01/10/1861).

Em carta ao Senador Pompeu, Borja Castro, adjunto da seção astronômica e geográfica da Comissão Científica, relata suas impressões sobre a Exposição de Londres e a participação do Brasil:

Falando francamente, não tenho gostado dos hábitos dos ingleses, e se não fôra a consideração do que na Inglaterra posso ver muita coisa digna de atenção principalmente o que diz respeito à exposição tanto internacional como de produtos do país, certamente teria voltado para o continente. Um dos objetos que mais admirei foi o palácio de Crista, que em beleza leva vantagem extraordinária ao Palácio da atual exposição internacional. A exposição tem sido muito concorrida, chegando em alguns dias a ser visitada por mais de 60. 000 pessoas; aí representa o Brasil um papel que não me parece em importância, apesar de que pudesse o representar com muito mais brilho, caso as pessoas encarregadas deste negocio no Rio de Janeiro tivessem conhecimento de que é uma exposição da ordem da que está atualmente aberta na cidade de Londres.<sup>23</sup>

<sup>23</sup> Carta de Victor de Borja Castro ao Senador Pompeu, datada de 7 de julho de 1862. Cf. CÂMARA, 1960, p. 229.

A partir de 1862 o Brasil começa, de forma efetiva, a participar da “era dos espetáculos”, como ficou conhecida a época das exposições. Na Exposição Universal de Filadélfia, em 1876, abriu-se o evento na presença do presidente americano Ulysses Grant e da família imperial brasileira (TURAZZI, 1995, p. 238).

Em 1862 o presidente da província cearense escrevia em seu relatório que:

Ao actual gabinete coube a gloria de inaugurar no paiz a primeira festa indústrial, á que todas as provincias concorreram com devotado patriotismo. O curto espaço que teve a do Ceará para preparar-se não deu lugar a que ella se fizesse representar com a pompa de suas gallas, e apenas alguns productos naturaes e artificiaes da Capital, Maranguape e Aracaty lóram remetidos á exposição de Pernambuco, já directamente, já por intermedio da commissão de exposição que nomeei na Capital, presidida pelo digno Dr. Thomaz Pompeu de Souza Brazil, que nunca se recusou a prestar ao governo e a provincia o concurso eficaz de suas extensas e variadas luzes. O ensaio foi pequeno, porem a idéa ha-de vingar; e exposições annuaes, annunciadas com tempo, darão lugar á manifestação dos immensos recursos e da riqueza natural e artificial d'esta parte do imperio. Consigno o facto neste documento como um acontecimento, notavel, e de grandes resultados para o desenvolvimento da prosperidade da provincia, que a olhos vistos progride com passos agiantados.<sup>24</sup>

Palavras, textos, vozes, aquarelas e exposições delimitavam e davam a ver o Ceará na Corte e no IHGB. A capital do império despertava, juntamente com a ciência nacional, para a necessidade de se conhecer e integrar as riquezas da pátria. “As palavras não refletiam apenas a realidade social e política; eram instrumentos de transformação da realidade” (HUNT, 1992, p. 23). Ouvia-se através das vozes dos cientistas relatos de lugares até então desconhecidos pelo poder central. Para os cientistas, a informação servia à administração (e dominação). E a viagem com seus diários, telas e relatórios daria uma outra imagem da nação, pois “a viagem interessa sobretudo como um operador discursivo” (GUIMARÃES, 2000, p. 4).

Os textos, as telas e a exposição produzidos pela Comissão Científica durante sua permanência no Ceará (1859-1861) devem ser analisados na perspectiva de uma representação que tem sua materialidade atrelada a uma escrita (lida em voz alta) e uma exposição (visível). Entre o visível e audível, entre textos, telas e exposição se mostrava e se criava uma imagem social do Ceará através de um olhar científico. O espaço e a natureza da província passam a integrar nação em construção. Agora se fala e se vê as terras do norte através de práticas discursivas. Textos e telas como coisas que falam e mostram.

<sup>24</sup> Relatório com que o Dr. Manuel Antônio Duarte de Azevedo passa a administração desta província ao quarto vice-presidente da mesma, o Exm. Sr. Commendador José Antônio Machado em 12 de fevereiro de 1812, p.6.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BRAGA, Renato. **História da Comissão Científica de Exploração**. Fortaleza: Imprensa Universitária do Ceará, 1962.
- CÂMARA, José Aurélio (org.). **Correspondência do Senador Pompeu**. vol.III. Fortaleza: Tipografia Minerva, 1960.
- HARDMAN, Francisco Foot. **Trem fantasma: a modernidade na selva**. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.
- HUNT, Lynn. **A nova história cultural**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- GUIMARÃES, Manoel Luiz Salgado. História e natureza em Von Martius. Esquadrinhando o Brasil para construir a nação. História, Ciência, Saúde. **Manguinhos**. v.7, n.2. Rio de Janeiro: Fundação Oswaldo Cruz, julho/outubro, 2000.
- KOSELLECK, Reinhart. **Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos**: Rio de Janeiro: Contraponto/Ed. Puc-Rio, 2006.
- LATOUR, Bruno. **Jamais fomos modernos**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1994.
- MAGNOLI, Demétrio. **O Corpo da pátria: Imaginação geográfica e política externa no Brasil (1808-1912)**. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista/Moderna, 1997.
- MARTIN, Oliver. Da estatística política à sociologia estatística. Desenvolvimento e transformação da análise da sociedade (séculos XVII-XIX). **Revista Brasileira de História**. São Paulo/Humanitas Publicações. v. 21, n. 41, 2001.
- RAMOS, Francisco Régis Lopes. **A danação do objeto: Museu e ensino de História**. Chapecó: Argos. 2004.
- SILVA, Ítala Byanca Morais da. **Tristão de Alencar Araripe e a História do Ceará**. Fortaleza: Museu do Ceará/Secretaria de Cultura do Ceará, 2005.
- SCHWARCZ, Lília Moritz. **O espetáculo das raças: Cientistas, instituições e questão racial no Brasil (1870 – 1930)**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- TURAZZI, Maria Inez. **Poses e trejeitos: a fotografia e as exposições na era do espetáculo**: Rio de Janeiro, Rocco, 1995.

\*\*\*

Artigo recebido em março de 2015. Aprovado em outubro de 2015.